

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Segurança Alimentar e Nutricional

Período de Análise: setembro de 2010.

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico Biodiesel Br
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT
Revista Globo Rural
Revista Isto é Dinheiro Rural
Agroanalysis
Carta Capital

Índice

Mais Alimentos inclui financiamento para colheitadeiras – Canal rural – 01/09/2010	3
Colheitadeiras podem agora ser financiadas pelo Programa Mais Alimentos – Drielle Sá - Globo Rural – 01/09/2010	3
Agroinflação volta a ser motivo de preocupação - Fernando Lopes e Assis Moreira - Valor Econômico – Agronegócios – 02/09/2010	5
ONU discute risco de crise alimentar – Jamil Chade - Estado de São Paulo – Economia – 08/09/2010	5
Brasil é o país que mais combate a fome, diz pesquisa – Sítio Eletrônico do MDS – 14/09/2010	7
Ações de segurança alimentar são fundamentais para vencer a fome – Sítio Eletrônico do MDS – 15/09/2010	8
Agrotóxicos aumentam índice de câncer no meio rural – Vanessa Ramos – Sítio Eletrônico do MST – 16/10/2010	9
Menos fome no mundo - Estado de São Paulo – Notas e Informações – 18/09/2010	10
Entidades discutem ação conjunta para potencializar agricultura familiar – Fernanda Silva – Sítio Eletrônico da Fetraf – 19/09/2010	11
Pressão nos alimentos Consumidores já sentem no bolso aumentos acima de 10% nos preços no atacado - Eliane Oliveira e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 20/09/2010	12
MDS libera mais R\$ 60 milhões para o PAA – Sítio Eletrônico do MDS – 21/09/2010	14
Preços dos alimentos contagiam inflação no atacado e no varejo – João Villaverde – Valor Econômico – Brasil – 22/09/2010	14
“Precisamos conscientizar a população sobre os efeitos dos agrotóxicos” – Vanessa Ramos - Sítio Eletrônico do MST – 23/09/2010	16
Fusão pode criar gigante das commodities – Sítio Eletrônico do MST – 27/09/2010	18
“Precisamos conscientizar a população sobre os efeitos dos agrotóxicos” – Sítio eletrônico do MST – 29/09/2010	19
Alimento sobe 4,5% no campo e pressiona inflação – Márcia de Chiara - Estado de São Paulo – Economia – 29/09/2010	22

Mais Alimentos inclui financiamento para colheitadeiras – Canal rural –
01/09/2010

No primeiro final de semana da Expointer, seis grupos de agricultores familiares já fizeram o pedido Gustavo Bonato | Esteio (RS)

A Expointer 2010 marca o início de um novo tipo de financiamento para os **agricultores familiares**. A partir de agora, o Programa Mais Alimentos vai permitir que grupos de produtores se associem para comprar colheitadeiras. No primeiro final de semana da feira, seis grupos de agricultores familiares já assinaram o pedido de financiamento.

A novidade deve impulsionar as vendas de um tipo de maquinário que ainda não se recuperou totalmente da crise dos últimos anos. Quem faz a projeção é o vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Milton Rego. A expectativa é que o Mais Alimentos chegue representar 10% das vendas de colheitadeiras em um ou dois anos.

Pela primeira vez os financiamentos do Mais Alimentos podem ser feitos por grupos de agricultores. Até cinco pessoas podem se unir para realizar a compra. As máquinas são de pequeno porte e não podem custar mais que R\$ 290 mil.

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, lembrou, na Expointer, que o sistema para acesso ao crédito continua aquele ao qual os produtores estão acostumados. Cada participante do grupo de compradores pode assumir dívida de no máximo R\$ 130 mil. Ele acredita que a procura será grande.

— Existe demanda para isso — diz Cassel.

Colheitadeiras podem agora ser financiadas pelo Programa Mais Alimentos –
Drielle Sá - Globo Rural – 01/09/2010

Governo busca estimular compra dessas máquinas por pequenos agricultores

Tradicional compradores de colheitadeiras usadas, os **pequenos agricultores** agora terão mais facilidades para adquirir máquinas novas. O Programa Mais Alimentos, linha de crédito especial do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), passa a oferecer condições especiais para esse segmento. A medida foi anunciada pelo ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, nesta terça-feira (31/08) durante a 33ª Expointer, em Esteio, RS.

Como o preço desses equipamentos excede o limite individual de compra do Mais Alimentos, de R\$130 mil, os agricultores poderão comprar em grupos, respeitando o limite máximo de R\$500 mil, independentemente da quantidade de pessoas que ele reúna.

Segundo Cassel, há duas possibilidades de usar o programa em grupo. “Produtores que nunca usaram seu crédito do Mais Alimentos, que é de R\$130 mil por pessoa, podem se unir para apresentar um projeto ao banco. Se forem, por exemplo, três agricultores, eles terão um crédito de R\$ 390 mil. A outra possibilidade é reunir agricultores que já tenham usado parte do seu saldo no programa. Se um deles já comprou um trator por R\$90 mil, ainda terá um crédito de R\$ 50 mil pelo Mais Alimentos que, somado ao crédito de outros produtores, ajudará a comprar uma nova colheitadeira para esse grupo”, explica.

Para conseguir o crédito nas agências bancárias, os agricultores familiares devem levar seus projetos para análise junto a serviços de assistência técnica e extensão rural. As condições de pagamento são as mesmas dos projetos individuais, com prazo de até 10 anos para quitar o financiamento, até três anos de carência e juros de 2% ao ano.

Divulgação

Colheitadeira MF5650, da Massey Ferguson: um dos cinco modelos que poderão ser adquiridos por pequenos agricultores
Oferta de máquinas

Serão colocados à disposição cinco modelos de colheitadeiras para os pequenos produtores, com descontos médios de 18% em relação ao preço de mercado. São equipamentos com potência máxima de 200 cavalos e plataforma de até 20 pés. As colheitadeiras inclusas no programa podem custar no máximo R\$290 mil.

Valtra, John Deere, Massey Ferguson, New Holland e Semeato apresentam na Expointer suas máquinas que podem servir ao projeto e, segundo a superintendência do Banco do Brasil, seis propostas de compra pelo Mais Alimentos já foram feitas nos últimos três dias do evento.

Para o gerente de vendas da New Holland, Marcos Arbex, isso prova que é uma maneira de os fabricantes terem mais acesso a um novo mercado. “O programa é uma forma da indústria dos grandes equipamentos alcançar os pequenos produtores, e esse vai ser um mercado complementar para nós”, diz.

“É claro que, na parte das colheitadeiras, o programa está apenas começando, e é uma grande aposta de todos. Mas no caso de tratores, que há cerca de 3 anos também foi uma aposta de todos, o programa foi muito bem sucedido, ele funcionou do jeito que se imaginava. Isso nos fortalece para fazer uma segunda aposta no caso das colheitadeiras”, afirma João Pontes, diretor de Marketing para a América Latina da John Deere.

Agroinflação volta a ser motivo de preocupação - Fernando Lopes e Assis Moreira
- Valor Econômico – Agronegócios – 02/09/2010

A forte alta do trigo no mercado internacional em agosto, que puxou a valorização do índice de preços de alimentos da FAO, o braço das Nações Unidas para agricultura e alimentação, não é o único sinal de pressão do campo sobre as taxas inflacionárias globais. Outras commodities agrícolas continuam em alta, como a soja, e a mesma FAO também já constatou uma expressiva disparada das carnes em geral — o índice específico nesta frente atingiu seu pico em 20 anos, segundo o “Financial Times” —, em boa medida graças à valorização dos grãos usados nas rações.

Conforme já informou o Valor, tal pressão também ocorrerá no mercado doméstico. No caso do trigo, por exemplo, os efeitos já são concretos. Segundo a Associação Nacional das Indústrias de Biscoitos (Anib), com o aumento de insumos e serviços será necessário um reajuste de até 9% nos preços de biscoitos e massas. Nas contas da entidade, apenas a farinha de trigo especial, usadas em massas frescas, já subiu 30%.

No segmento de carnes, previu a Brasil Foods na terça-feira, os custos dos grãos que compõem as rações demandadas pela companhia deverão subir de 5% a 7% até o fim do ano.

Como movimento não é só brasileiro, o índice de preços de alimentos da FAO não deverá ficar imune às valorizações dos produtos do agronegócio.

Em agosto, o índice subiu 5% e alcançou o nível mais elevado desde setembro de 2008, embora ainda inferior em 38% ao recorde histórico, de junho daquele ano.

Ainda que a “estrela” do aumento tenha sido o trigo, açúcar e oleaginosas — soja entre elas — também foram lembrados como produtos que levaram ao resultado apurado.

Conforme a FAO, a produção global de cereais foi revista para baixo e deverá atingir 2,238 bilhões de toneladas, 41 milhões a menos do que as projeções de junho. A redução se deve essencialmente à quebra do trigo na Rússia, ainda que haja melhoras nos EUA e na China. Os estoques de trigo também vão diminuir 9%, passando a 181 milhões de toneladas.

ONU discute risco de crise alimentar – Jamil Chade - Estado de São Paulo – Economia – 08/09/2010

Apesar de 2010 estar caminhando para ter a terceira maior safra de grãos da história, a ONU apela para que o mundo se prepare para uma nova crise alimentar, incrementando a produção nos países mais pobres e enfrentando a especulação com commodities.

O alerta foi feito ontem pelo relator especial das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, Olivier De Schutter, depois de protestos em países africanos e greves na Índia por causa da alta no preço dos alimentos. Para a ONU, essas manifestações

devem servir para “despertar” os governos para o risco de uma nova crise, como a de 2007.

“Os países mais pobres estão altamente vulneráveis. Continuam a depender de suas rendas de exportação de um número pequeno de commodities e, de outro lado, dependem da importação de alimentos, com preços cada vez mais altos e voláteis. Deixar de agir agora é inaceitável”, disse o relator.

Alta de preços.

A FAO constatou que os preços de alimentos tiveram uma alta de 5%, apenas no mês de agosto. Os valores ainda estão abaixo dos índices de 2007. Mas os incêndios na Rússia, as chuvas no Paquistão e a seca em grande parte da Ásia Central obrigaram a FAO a rever para baixo a previsão de safra para 2010.

A ONU admite que o comportamento do governo da Rússia não ajudou. A Rússia é o terceiro maior exportador de trigo do mundo. Mas decidiu banir qualquer venda ao exterior até 2011 para impedir a alta nos preços domésticos, depois que parte substancial de suas terras foram destruídas por incêndios no verão.

A produção russa deve ser 38% inferior à do ano passado. Em agosto, a inflação teve sua maior alta em uma década. Depois de subir 5,5% em julho, os preços de alimentos sofreram mais uma alta de 6,1% em agosto. Para o Banco Central russo, a seca e os incêndios devem ter um impacto nos preços nos próximos 12 meses. O preço da farinha subiu 40% em apenas dois meses.

Especulação.

Na ONU, De Shutter alerta que não são apenas os desastres naturais que estão elevando os preços. “A inflação é exacerbada pela especulação que, pouco a pouco, consome a renda de famílias” acusou.

O número de protestos aumentou nos últimos dias. Em Moçambique, a população foi às ruas contra a alta de 30% no preço do pão. Dez pessoas acabaram mortas e 150 foram detidas.

No Egito, os protestos também se proliferaram. Sindicatos realizaram ontem uma paralisação no leste e no sul da Índia para protestar contra a alta nos preços de alimentos. Escolas e serviços públicos não funcionaram.

A inflação na Índia é um dos temas mais polêmicos hoje do país, com taxas acima de 10%. O clima não tem ajudado e a safra acabou sendo menor do que se previa. “Essa cólera da população era previsível”, disse De Shutter. Os incidentes começam a se assemelhar aos protestos de 2007, quando o mundo presenciou uma alta nos alimentos que fez com que a luta contra a fome de toda uma década fosse revertida. A crise financeira em 2008 e 2009 acabou provocando uma queda no preço das commodities. Mas a situação voltou a se agravar.

Produção.

A FAO insiste que a produção mundial de cereais será a terceira maior da história. Mas temores da falta de abastecimento fizeram com que o preço do trigo subisse 75% em um ano.

O índice geral de preços de alimentos está em seu ponto mais alto desde setembro de 2008. Os preços de milho estão em seu ponto mais alto desde meados de 2009. Açúcar e soja também sobem.

A FAO realiza no dia 24 em Roma uma reunião para lidar com a situação. Mas tentando acalmar os mercados e evitar especulação, a FAO evita classificar a situação de crise. “Se dissermos que é uma crise alimentar, a situação se transformará rapidamente em crise alimentar”, disse Abdolreza Abbassian, economista da FAO.

Promessa de ricos na crise foi esquecida

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), o problema é que as promessas feitas em 2007 e 2008 não foram cumpridas pelos países ricos. No auge da crise, o presidente americano Barack Obama convenceu os demais líderes do G-8 a anunciar um

plano de US\$ 15 bilhões para ajudar no desenvolvimento da agricultura no mundo.

“Os doadores não cumpriram sua promessa. A falta de vontade política e a perda de um sentido de urgência adiaram de forma inaceitável a tomada de medidas para evitar futuras crises”, afirmou Olivier De Schutter, da ONU. “Em 2007, o mundo foi pego de surpresa. Desta vez, não há desculpas”, completou.

Brasil é o país que mais combate a fome, diz pesquisa – Sítio Eletrônico do MDS – 14/09/2010

14/09/2010 14:10

Brasília, 14 – Relatório divulgado nesta terça-feira (14) pela ONG ActionAid aponta o Brasil como o país que mais promove efetivas ações de combate à fome. No levantamento, o Brasil figura em primeiro lugar devido ao Bolsa Família, aos aumentos no salário mínimo e aos programas de compras governamentais que apóiam os pequenos agricultores. “Tomadas em conjunto, essas medidas são amplamente reconhecidas como tendo tido um impacto fenomenal na redução da outrora infame desigualdade brasileira – com taxas de crianças com fome reduzidas em mais de 50% em pouco mais de 10 anos”, descreve o relatório.

O documento também afirma que o Brasil “reduziu a mais da metade a prevalência de baixo peso entre crianças em menos de uma década. Ao mesmo tempo, fez bons progressos na redução da desigualdade e da pobreza extrema. Entre 2001 e 2006, a renda dos mais pobres cresceu 70% mais rápido do que o resto da população. Isso ajudou a reduzir a pobreza extrema de 21 milhões de pessoas em 2003 para 9 milhões em 2008”.

O estudo pondera que o Brasil está no ápice devido à liderança do Governo e a atuação da sociedade civil organizada. O relatório dá ênfase à instituição de políticas em favor da população pobre. “A pedra fundamental dessas políticas é o programa ‘Fome Zero’, projetado para acabar com a fome no Brasil através de uma estratégia abrangente – envolvendo iniciativas – para melhorar a segurança alimentar. Um deles é o programa Bolsa Família, que beneficia 12 milhões de famílias em extrema pobreza por meio de uma transferência de renda, ajudando-as a acessar educação, saúde e proteção social”, aponta.

Direito fundamental – O levantamento da ActionAid destaca, ainda, a promulgação da Emenda Constitucional nº 64, que introduziu a alimentação como direito fundamental. “No início de 2010, o Congresso brasileiro inseriu o direito à alimentação na Constituição Federal como um direito fundamental, assegurando a garantia legal de que nenhum brasileiro deve passar fome. Esta é uma vitória para aqueles que fizeram uma campanha difícil para essa inclusão”, define o documento.

Lista – Após o Brasil, o placar da fome elenca China, Vietnã, Malawi, Gana e Bangladesh como países que possuem ações para o combate à fome.

Ações de segurança alimentar são fundamentais para vencer a fome – Sítio Eletrônico do MDS – 15/09/2010

Diadema (SP), 15 – “O Brasil está vencendo a fome graças às políticas públicas integradas de segurança alimentar e nutricional, como as executadas em Diadema”, disse a ministra Márcia Lopes, que esteve no município da Região Metropolitana de São Paulo para participar do ato de lançamento do Programa de Aquisição de Alimentos municipal.

A ministra explicou que os recursos do Governo Federal para Diadema cresceram na mesma proporção do aumento dos recursos do ministério. O orçamento do MDS passou de R\$ 6 bilhões, em 2004, para R\$ 40 bilhões, em 2010. Enquanto isso, Diadema recebeu, em 2004, R\$ 164 mil para um convênio do PAA e hoje são mais de R\$ 1,1 milhão.

“Estamos reiterando nossa parceria com Diadema. Este é o resultado de um trabalho coletivo, de um compromisso ético com a vida. Segurança alimentar e nutricional é condição essencial para qualquer ciclo de desenvolvimento”, afirmou Márcia Lopes. Com os recursos do PAA, a prefeitura comprará 450 toneladas de alimentos de 230 agricultores familiares, aumentando a oferta de refeições nos Restaurantes Populares e a distribuição de produtos para entidades sociais atendidas pelo Banco de Alimentos.

A ministra explicou por que o País ocupa o primeiro lugar no ranking do combate à fome no mundo. “Não é à toa que o Brasil é vitorioso, não é à toa que na próxima semana eu participo do encontro da cúpula da ONU, em Nova York, para fazer um balanço dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”, comentou. Ela se referia ao relatório da ONG ActionAid, que posiciona o Brasil como líder entre os países em desenvolvimento que efetivamente combatem a fome.

O secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, Crispim Moreira, também participou do evento e reforçou o exemplo dado pela cidade paulista: “Diadema é uma referência para nós no combate à fome nas regiões metropolitanas”, destacou, lembrando que missões do Panamá, da Guatemala e de Senegal já estiveram no município para conhecer as ações ali desenvolvidas na área.

Pela manhã, a ministra visitou o Centro de Referência de Segurança Alimentar do município, onde conheceu uma cozinha experimental e uma biblioteca.

Assistência social – À tarde, Márcia Lopes participou em Bauru de encontro de gestores, conselheiros e trabalhadores da área de assistência social, quando explicou que, com a institucionalização do Suas (Sistema Único de Assistência Social), o Brasil trocou a caridade por políticas públicas. “Estamos profissionalizando a assistência social. Tudo que antes era caridade hoje é política de Estado, tem normas, critérios, e isso vai mudando a própria relação da comunidade com as políticas

públicas”, garantiu a ministra.

Roberta
Ascom/MDS – 3433-1021

Caldo

Agrotóxicos aumentam índice de câncer no meio rural – Vanessa Ramos – Sítio Eletrônico do MST – 16/10/2010

O modelo de produção agrícola e o comportamento alimentar social podem ser responsáveis pelos problemas de saúde enfrentados hoje pela população brasileira.

Regina Miranda, presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável do Rio Grande do Sul, alerta que "geração atual é a primeira em que os filhos não vão viver mais do que os próprios pais".

Isso vai acontecer porque, ao longo do tempo, o homem permitiu que os hábitos alimentares fossem moldados pelo interesse do capital. O primeiro passo foi a Revolução Verde e, agora, com uma produção agrícola viciada em produtos nocivos à saúde. O resultado disso é, principalmente, um índice crescente de pessoas doentes.

Segundo Regina, a relação social com o alimento era baseada "na busca pela excelência". Em outras palavras, o homem tinha preocupação de consumir alimentos nutritivos e de boa qualidade.

No entanto, no processo de industrialização, o sistema capitalista padronizou os hábitos alimentares. “Nós nos tornamos seres ociosos e consumidores de alimentos pouco nutritivos. Ou seja, a relação alimentar do homem tornou-se mórbida”, afirmou Regina.

“Essas escolhas sociais de alimentação impactam diretamente o modelo de produção vigente, a qualidade do alimento, a maneira de como o indivíduo vai se alimentar e, por fim, o próprio corpo, pois o corpo é desenhado a partir das nossas escolhas”, concluiu Regina.

Câncer

Não é a toa que, entre 2000 e 2006, os agricultores tiveram uma maior incidência proporcional de câncer do que a população urbana, mostrou Raquel Maria Rigotto, integrante do Núcleo Tramas, da Universidade Federal do Ceará. “A leucemia é o principal câncer associado ao uso de agrotóxico”, afirmou.

Os agrotóxicos podem causar intoxicação aguda – aquelas em que se pode perceber imediatamente após o contato com o produto químico – ou doenças crônicas, que aparecem semanas e meses depois.

Os agrotóxicos podem causar, entre as doenças crônicas, dermatite, câncer, desregulamentação endócrina, neurotoxicidade retardada, efeitos sobre o sistema imunológico, doença do fígado, má formação fetal e aborto.

Apesar disso, há uma grande barreira para associar o agrotóxico como causa dessas enfermidades. “Quando a gente vai discutir com as indústrias que os agrotóxicos são responsáveis pelas doenças, elas dizem que não há problema algum com os produtos químicos. O que dificulta a comprovação de que os agentes químicos são os causadores das doenças crônicas”, desabafou a pesquisadora da área de estatística e saúde pública da Fiocruz, Rosany Bochner.

Para avançar na construção de um banco de dados com informações sobre as intoxicações, Rosany ainda fez um apelo de que “é muito importante que as pessoas

nos informem sobre os casos de doenças crônicas causadas pelo contato com agrotóxicos”.

A Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica, sob coordenação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e da Fiocruz, possui um disque intoxicação (0800 722 6001), por onde a população pode informar os centros sobre os casos de contaminação por agrotóxicos.

Para os estudiosos, é necessário que se criem políticas públicas que viabilizem uma produção agrícola sem o uso de agrotóxicos. “O problema do agrotóxico não é mais só do agricultor, mas também do consumidor”, afirmou Rosany.

O país é o maior consumidor de agrotóxico do mundo. Cerca de 451 produtos químicos estão registrados hoje no Brasil. Mais de 1090 produtos químicos são comercializados em território nacional e o governo brasileiro ainda faz redução fiscal para o uso de agrotóxico.

O integrante da coordenação nacional do MST João Pedro Stedile apresentou preocupação com a falta de estudos sobre os impactos dos agrotóxicos no meio ambiente nas áreas tropicais, uma vez que as indústrias de agrotóxicos fizeram testes somente em solos de clima temperado.

O Seminário Nacional contra o uso de Agrotóxicos, organizado pela Via Campesina, Fiocruz e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio termina nesta quinta-feira.

Menos fome no mundo - Estado de São Paulo – Notas e Informações – 18/09/2010

Pela primeira vez nos últimos 15 anos, o número de pessoas que passam fome no mundo parou de aumentar.

Em 2010, de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a quantidade de pessoas cronicamente desnutridas caiu para 925 milhões, 9,6% menos do que no ano passado, quando havia 1,023 bilhão de famintos no planeta. É um dado auspicioso, pois indica que, depois de muitos anos, o quadro da fome no mundo parou de piorar, pelo menos em números absolutos.

Mas, quando se levam em conta outros fatores e, sobretudo, as metas fixadas pelos líderes mundiais em meados da década passada para o novo milênio, entre as quais a redução pela metade do número de vítimas da fome no mundo até 2015, o resultado é frustrante. O número de pessoas que ainda passam fome continua sendo “inaceitavelmente alto”, como observou o diretor-geral da FAO, Jacques Diouf.

O total de famintos existentes hoje no mundo é pelo menos 15% maior do que em 1996, quando os líderes mundiais concordaram em reduzir esse número ao longo do tempo, até que, em 2015, não ultrapassasse 10% da população, ou 400 milhões de pessoas – número que, ressalve-se, continuaria alto.

Hoje, o total de famintos corresponde a 16% da população mundial. Isso significa que, para atingir a meta definida em 1996 – a primeira das Metas de Desenvolvimento para o Milênio, como ficaram conhecidos os objetivos fixados naquela época –, a porcentagem de pessoas desnutridas precisa diminuir 6 pontos em cinco anos.

Nos últimos 19 anos, no entanto, o que se conseguiu foi a redução de apenas 4 pontos percentuais. Na primeira redução do número de pessoas cronicamente desnutridas desde 1995, a queda entre 2009 e 2010 foi de 98 milhões. Será necessário

repetir esse resultado ininterruptamente até 2015, e com melhoras, para que, até lá, o número de famintos no mundo seja reduzido em pelo menos 500 milhões de pessoas.

A melhora do quadro econômico em todo o mundo neste ano, em particular nos países em desenvolvimento, é apontada como um dos principais fatores para a redução da fome.

O aumento da produção agrícola, forçando a baixa dos preços dos cereais – que haviam alcançado seu ponto mais alto em 2008 –, também contribuiu para a melhora do quadro mundial.

A previsão de que, em 2010, a colheita mundial de cereais será a terceira maior da história dá alguma esperança de que a fome no mundo continuará a diminuir – embora fique cada vez mais claro que será muito difícil atingir as metas do milênio.

Paradoxalmente, nesse cenário favorável surgem elementos perturbadores que podem prejudicar as populações mais pobres do mundo e agravar o problema da fome.

Nas últimas semanas, as cotações dos cereais subiram continuamente, em razão do temor – até agora infundado, dadas as previsões para a produção mundial – provocado pela quebra da safra de trigo da Rússia e de países vizinhos, devido à seca.

A FAO observa que, nos últimos anos, os países pobres e suas populações mostraram extrema vulnerabilidade às oscilações no mercado de alimentos e capacidade de reação muito baixa quando a situação começa a melhorar.

Segundo a FAO, os efeitos de uma crise sobre a fome no mundo não desaparecem quando a crise se vai. Na crise, as famílias mais vulneráveis vendem seus bens para conseguir sobreviver; passada a crise, não dispõem de renda suficiente para recompor seu patrimônio e, quando tentam recuperar o que perderam, têm de reduzir seu consumo de alimentos.

Em resumo, o crescimento econômico é indispensável, mas não é suficiente para eliminar a fome no mundo num período determinado. É preciso que haja também uma ação correta dos governos, no sentido de apoiar a produção agrícola, manter políticas sociais eficazes, preservar instituições que assegurem os investimentos, melhorar a infraestrutura e, sobretudo, criar mecanismos que façam a comida chegar aos mais necessitados. Avenida E

Entidades discutem ação conjunta para potencializar agricultura familiar –
ernanda Silva – Sítio Eletrônico da Fetraf – 19/09/2010

Escrito por Fernanda Silva

“Em reuniões com agricultores familiares canadenses e dirigentes da Federação dos Agricultores da Região da Valônia, Bélgica, temos discutido uma ação conjunta para descentralizar o poder das grandes empresas, sobretudo, em cadeias produtivas integradas, como é o caso de suínos, aves e leite, isso tanto no Brasil como na Europa”, revelou Marcos Rochinski, secretário Geral da FETRAF-BRASIL que participa do Fórum Público da OMC 2010.

O tema foi tratado também por membros da Comissão Europeia com o objetivo de que os países integrantes adotem essa política de cooperação.

Segurança Alimentar na África

Durante esses os encontros levantou-se a continuidade de realizar intercâmbios entre a FETRAF-BRASIL, Federação Belga e organizações de agricultores africanos para tratar sobre os programas de segurança alimentar.

Para isso, será necessária participação do governo brasileiro por meio do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e da FETRAF-BRASIL que deverão integrar o fórum sobre Solidariedade Regional da África, que tratará sobre segurança alimentar e a cooperação entres países em desenvolvimento.

Pressão nos alimentos Consumidores já sentem no bolso aumentos acima de 10% nos preços no atacado - Eliane Oliveira e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 20/09/2010

Grandes responsáveis pela manutenção do superávit comercial brasileiro, que de janeiro a agosto deste ano ficou em US\$ 11,673 bilhões, os preços das commodities agropecuárias explodiram no mundo e já chegam a níveis próximos aos registrados até setembro de 2008, mês de recrudescimento da crise financeira internacional. Os aumentos, registrados no atacado brasileiro, começam a ser sentidos no bolso do consumidor. Carnes em geral, milho, soja, açúcar e trigo tiveram seus valores aumentados em mais de 10% no último ano, ou seja, bem acima da inflação em 12 meses. No acumulado, o IPCA ficou em torno de 4,5%.

— Ao contrário do ano passado, quando havia forte movimento especulativo nas bolsas de commodities, dessa vez os problemas climáticos no mundo são os principais fatores para esse quadro e, por isso, o consumidor sentirá no bolso as altas a curto prazo.

Mas é transitório — diz o economista Fábio Silveira, da RC Consultores.

O secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Célio Porto, aponta pelo menos três razões para esse cenário: a suspensão das exportações de trigo pela Rússia; a forte demanda por alimentos pelos asiáticos, com destaque para a China; e o aumento do uso do milho, nos EUA, para a fabricação de etanol.

— Tudo isso já nos leva a crer que os preços das commodities tendem a subir ainda mais — avalia Porto. O caso do trigo é significativo. No Rio de Janeiro, estado onde havia estoque em quantidade razoável, o preço da farinha de trigo já subiu, desde maio, em torno de 30%.

— Novos aumentos virão no pão francês, macarrão, biscoitos e outros derivados, pois o preço do trigo já subiu 80% — diz Antenor Barros Leal, presidente do Sindicato da Indústria do Trigo do Rio.

No caso da carne bovina, os preços subiram mais de 16%; no do açúcar refinado, a alta foi de 18,9%.

Alimentação deve ter inflação de 1%

A variação para os itens de alimentação dentro do IPCA deve ficar em cerca de 1% ao mês a partir deste mês, como reflexo do que está acontecendo nos preços dos atacados, avalia o economista-chefe da Máxima Asset Management, Elson Teles. Ele lembrou que o IPA agrícola está avançando acima de 3% ao mês e, invariavelmente, vai ser refletido nos preços para o consumidor final.

— Ainda é muito cedo para dizer que (a inflação de) alimentação vai explodir, porque ainda há alguma gordura para queimar — diz ele, referindo-se ao comportamento desses itens nos últimos três meses, com deflação.

Em junho, a deflação dos alimentos foi de 0,90% pelo IPCA, de 0,76% em julho e de 0,20% no mês seguinte.

Sob a ótica da política monetária, que usa os juros para conter a demanda e estancar escaladas de preço, esse choque nos preços dos alimentos não deve surtir tanto efeito, dizem analistas. Primeiro, porque há outros fatores compensando essa pressão, como a atividade econômica mais fraca no mundo todo. Além disso, trata-se de situação temporária, causada sobretudo por condições climáticas e, assim, caracterizando-se como um problema de oferta, e não de demanda — foco da preocupação do Banco Central (BC).

— O BC mira na inflação cheia, e não nos núcleos (de inflação, que trabalham como um grupo reduzido de itens). Esses aumentos nos preços dos alimentos não devem afetar muito o IPCA — afirma o economista da Tendências Bernardo Wjuniski, acrescentando que espera a manutenção da Taxa Selic em 10,75% ao ano até, pelo menos, o primeiro trimestre de 2011.

Para Leonardo Sologuren, da consultoria mineira Céleres, por enquanto a situação está sob controle, o que não acontecia em 2008, quando era concreta a possibilidade de forte inflação de alimentos no mundo.

— Este ano, há estoques em quantidade suficiente para atender ao consumo — diz Sologuren.

A FAO, braço da ONU para agricultura e alimentação, concorda com essa avaliação, mas afirma estar preocupada com a volatilidade do mercado de commodities. O diretor-geral-adjunto do Departamento de Desenvolvimento Econômico e Social da FAO, Hafez Ghanem, cobrou do G-20 (grupo formado pelas 20 maiores economias do mundo) novas medidas para combater a volatilidade do mercado alimentício.

— É preciso promover o debate sobre uma melhor regulação dos mercados, garantindo maior transparência, e o estabelecimento de um nível adequado nas reservas de emergência — diz Ghanem.

Economia fraca lá fora pode compensar

A equipe econômica do governo reconhece que o consumidor sentirá no bolso a alta dos alimentos a curto prazo, mas argumenta que outros fatores vão compensar essa pressão. Ou seja, o poder aquisitivo das pessoas não será tão afetado, porque os indicadores de inflação ficarão comportados em outras despesas.

E é isso que importa, porque a meta de inflação do governo é baseada no IPCA cheio, e não nos núcleos.

Para 2010 e 2011, a meta está em 4,5%, com margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

— Commodities são um fator de risco (para a inflação), mas não podem ser olhadas isoladamente — afirma ao GLOBO um importante integrante da equipe econômica.

Um dos fatores que vai equilibrar essa alta nos preços é a economia internacional mais fraca, que reduz a demanda global e, conseqüentemente, tem reflexos no Brasil. Esse argumento tem sido usado pelo BC para justificar a decisão de manter a Selic em 10,75% ao ano, após elevar a taxa em dois pontos percentuais entre abril e julho.

MDS libera mais R\$ 60 milhões para o PAA – Sítio Eletrônico do MDS – 21/09/2010

21/09/2010 17:14

Mais agricultores familiares poderão participar do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA). O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) liberou mais R\$ 60 milhões para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) executar o PAA em todo o País. O valor faz parte de um total de R\$ 290 milhões previstos para 2010. Os outros R\$ 230 milhões já foram repassados. Essa última parcela tem como meta a aquisição de 37 mil toneladas de alimentos de 13 mil agricultores.

O PAA é uma ação do MDS que tem a Conab como parceira na execução. A companhia opera, com recursos do MDS, três modalidades do programa: Compra Direta, Compra com Doação Simultânea e Formação de Estoque pela Agricultura Familiar. De 2003 a 2009, o ministério já liberou para a Conab R\$ 1 bilhão para adquirir 915 mil toneladas de alimentos. A produção comprada é distribuída para escolas públicas, creches e entidades socioassistenciais, Bancos de Alimentos, Cozinhas Comunitárias, Restaurantes Populares e atendimento de calamidades públicas em parceria com a Defesa Civil.

Além da Conab, o MDS estabelece parcerias com governos estaduais e municipais para implantação do PAA. Em 2009, foram aplicados no programa R\$ 501 milhões, permitindo a aquisição de 378 mil toneladas de alimentos e beneficiando 120 mil agricultores e 13 milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade. Para 2010, os recursos totais do programa são de R\$ 623 milhões, com meta de adquirir 360 mil toneladas de alimentos de 140 mil agricultores e atender 15 milhões de pessoas.

Atendimento – O PAA visa garantir o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade necessárias às populações em situação de insegurança alimentar e nutricional e promover a inclusão econômica e social no campo, por meio do fortalecimento da agricultura familiar. Além disso, abastece equipamentos públicos de alimentação e nutrição (Restaurantes Populares, Cozinhas Comunitárias, Bancos de Alimentos) e a rede socioassistencial.

Os alimentos adquiridos pelo PAA são isentos de licitação e comprados por preços de referência que não podem ser superiores nem inferiores aos praticados nos mercados regionais. É pago um preço justo anual, que varia de R\$ 4 mil a R\$ 16 mil por agricultor. Criado em 2003, o programa aplicou R\$ 2,7 bilhões, incluindo recursos dos orçamentos dos ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário, na compra de R\$ 2,6 milhões de toneladas em mais de 2,3 mil municípios de todos os Estados.

Preços dos alimentos contagiam inflação no atacado e no varejo – João Villaverde – Valor Econômico – Brasil – 22/09/2010

Os alimentos são hoje os principais vilões para o bolso do consumidor brasileiro. Além de pressionarem os índices de inflação no atacado e no varejo, os preços dos alimentos não dão mostras de que vão ceder muito até o fim do ano. Ao contrário — as sinalizações, segundo os economistas consultados pelo Valor, são de que os preços de produtos essenciais, como grãos e alimentos processados, continuarão subindo.

Em deflação desde a metade de junho, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo15 (IPCA-15) voltou a acelerar entre meados de agosto e a primeira metade de setembro, registrando alta de 0,31%. Já a segunda prévia do Índice Geral de Preços-Mercado (IGP-M), também divulgado ontem, acusou alta de 1,03%, superior aos 0,99% da primeira prévia.

Tanto no IPCA-15 quanto no IGP-M são os preços dos alimentos que elevaram os índices gerais.

No varejo, apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que calcula o IPCA-15, a maior reversão de agosto para setembro ocorreu nos preços dos alimentos, que passaram de -0,68% para 0,30% no período. No atacado, apurado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que calcula os IGPs, os preços dos produtos agrícolas ampliaram em setembro a forte alta já registrada na segunda prévia de agosto, de 3,28% para 3,47%.

Mesmo entre os produtos industriais no atacado, a alta mais proeminente ocorreu com os alimentos processados, que passaram de 0,38% para 3,88%.

O resultado mais forte, no IPCA-15, foi no item vestuário, que passou por alta de 0,50%, à frente de transportes, que registrou 0,33% — apenas 0,02 ponto percentual acima da variação registrada nos alimentos. Já no IGP-M, composto por preços no atacado (IPA), ao consumidor (IPC) e na construção civil (INCC), as elevações mais fortes foram verificadas nos atacados agrícola e industrial (ver gráfico).

O horizonte para os preços dos alimentos não é benigno, avaliam os economistas. Segundo elenca Tatiana Pinheiro, analista do Santander, a cana-deaçúcar inicia período de entressafra em outubro — fase que se estende até março do ano que vem —, a carne de boi antecipou a alta de preços que sazonalmente ocorre entre outubro e novembro e os hortifrutis continuam pressionados pelos problemas de clima. Além disso, os preços de grãos como soja e milho continuam em elevação, devido ao efeito em cascata provocado pela forte alta nos preços do trigo, influenciados pela Rússia, importante produtor mundial, que passa pela maior seca em 150 anos.

“A alta do IPCA-15 mostra, principalmente, que a demanda permanece muito aquecida, porque de outra forma não haveria repasses de preços praticados no atacado e no mercado externo”, diz Tatiana, para quem o dado divulgado ontem liquida um quebra-cabeça para os economistas.

“Por três meses a concessão de crédito, o consumo das famílias, a contratação de pessoal e os salários continuaram subindo, mas ainda assim o IPCA ficou próximo de zero. Agora fica claro que a demanda está pressionando, o que enfraquece o discurso mais otimista para inflação”, avalia.

Para Bernardo Wjuniski, economista da Tendências Consultoria, o IPCA deve oscilar em níveis próximos a 0,5% no último trimestre, depois de atingir algo em torno de 0,4% neste mês. “As elevações dos IGPs não costumam ser inteiramente repassadas ao IPCA, por isso os resultados costumam ser tão distintos.

Um dos poucos repasses evidentes é o de preços agrícolas no atacado”, diz o economista.

O cenário para a inflação em 2011 é “muito menos benigno do que foi em 2010”, avalia Wjuniski.

Segundo o economista, não só os preços dos alimentos continuarão pressionados na passagem de ano, enquanto as condições estruturais, como renda e crédito em alta, se mantêm aceleradas. Além disso, diz ele, “os preços administrados serão reajustados por um IGP-M na casa dos dois dígitos, como deve fechar em 2010, diferente do que ocorreu neste ano, quando os preços foram reajustados por índices fracos, uma vez que em 2009 o IGP-M acumulou -1,72%”.

Depois de elevar a taxa de juros básica em dois pontos percentuais entre abril e julho, o Banco Central decidiu manter a Selic estável em 10,75% ao ano em sua reunião mais recente, no início de setembro. Os economistas não apostam em novas elevações em 2010, mas estimam que a Selic voltará a subir já no início do próximo ano. Embora uma alta em janeiro não esteja descartada, dizem os analistas, as previsões são de que o BC aja em segunda reunião de 2011, que ocorrerá em março. “Caso Henrique Meirelles continue no cargo, fato não descartado pelo mercado, o BC pode elevar a Selic já em janeiro. Um presidente recém-empossado não deve elevar juros logo em sua primeira reunião”, diz.

“Precisamos conscientizar a população sobre os efeitos dos agrotóxicos” –
Vanessa Ramos - Sítio Eletrônico do MST – 23/09/2010

Os prejuízos causados à saúde com a utilização exagerada de agrotóxicos ainda são desconhecidos pela maioria da população e pouco discutidos pela sociedade. Por isso, mais de 20 entidades lançaram a campanha nacional contra o uso dos agrotóxicos.

Na semana passada, essas entidades participaram do seminário contra o uso dos agrotóxicos, organizado pela Via Campesina, em parceria com a Fiocruz e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Na atividade, os participantes fizeram um estudo sobre os impactos dos agrotóxicos na economia agrícola nacional, na saúde pública e no ambiente. A partir dessas discussões, a campanha tirou como eixos de atuação informar a sociedade sobre os efeitos da utilização desse “agroveneno” e apresentar uma nova proposta para a agricultura.

Roseli de Sousa, da direção nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e da Via Campesina, afirma que a meta da campanha é “denunciar esse modelo de produção agrícola, as causas desse veneno e alertar sobre quantas pessoas hoje estão doentes, sobretudo, com câncer, em função do uso desses venenos”.

A seguir, leia a entrevista concedida à **Página do MST**.

Como você avalia o seminário contra o uso dos agrotóxicos?

O seminário dos agrotóxicos foi um grande passo contra o uso exagerado de venenos na agricultura brasileira. O Brasil já é campeão em consumo de venenos, em consumo de agrotóxicos. Isso gera grandes danos à saúde da população. Nesse momento, em que há grandes avanços do agronegócio, o seminário foi de extrema importância, já que o veneno é parte desse modelo de desenvolvimento de agricultura. Além disso, conseguimos reunir quase 30 entidades e organizações de diversos setores da sociedade. Isso é um grande avanço na tentativa de conscientização contra esse modelo agrícola.

Quem são os maiores prejudicados pelo o uso do agrotóxico na agricultura brasileira?

Quem produz, como os camponeses, os agricultores, os assentados, sofre um efeito maior porque está em contato direto com o veneno. Mas também a população em geral, que consome um produto que não é de boa qualidade, é o maior prejudicado. Assim, as doenças aumentam e aparecem cada vez mais. E quem lucra com isso tudo, sem dúvida, são as empresas.

Quais os objetivos da campanha?

O grande objetivo da nossa articulação contra o agrotóxico e do seminário em si é conseguir traçar um plano, uma estratégia de combate a esse modelo agrícola e ao grande uso de veneno no Brasil. A partir disso, essa articulação vai resultar na campanha nacional contra o agrotóxico no Brasil.

Como será realizada?

A nossa campanha terá dois eixos. O primeiro tem como meta denunciar esse modelo de produção agrícola, as causas desse veneno e alertar sobre quantas pessoas hoje estão doentes, sobretudo, com câncer, em função do uso desses venenos, além de como é que esse veneno tem sido uma das formas do agronegócio ganhar dinheiro. O que as empresas lucram vendendo o veneno é muito grande. Dessa forma, um dos eixos da campanha será a denúncia desse modelo.

E o segundo eixo da campanha?

Vamos anunciar o que queremos para a sociedade, dentro de um outro projeto de desenvolvimento para a agricultura. Assim, devemos almejar um desenvolvimento baseado na agroecologia, na agricultura saudável, na produção de alimentos para toda a população. Baseado também numa outra sociedade com outros tipos de valores, que valorize uma educação e uma saúde diferente. Certamente, a nossa campanha terá esses dois eixos: denúncia contra o modelo agronegócio e anúncio de qual sociedade nós queremos para o futuro.

Quais setores da sociedade podem se somar nessa luta?

Nós já temos engajados nessa luta os movimentos sociais da Via Campesina, centrais sindicais, setores das universidades, médicos, organizações não governamentais (ONGs). Tivemos também a presença muito importante da atriz Priscila Camargo no seminário. Ela representou os artistas e se colocou à disposição para ajudar a fazer esse grande debate no meio dos artistas.

Temos também o apoio da Fiocruz, sobretudo da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz. Passaram pelo seminário diversos pensadores e professores, que nos ajudaram e que estão se engajando nesse debate. Nós queremos convidar não só esses, mas todos os setores da sociedade para fazer parte desse grande debate, dessa grande conscientização para de fato darmos um outro rumo para a nossa agricultura brasileira.

Como a sociedade pode se informar sobre o tema dos agrotóxicos e participar da campanha?

Em breve, nós teremos um site e um blog no ar. Os interessados também podem procurar nossos veículos de comunicação de apoio, como o Brasil de Fato, que vai elaborar matérias específicas sobre o tema, além dos movimentos sociais ligados à Via Campesina. Nos seus espaços de trabalho, de militância e de atuação, devem procurar informações sobre as causas dos venenos e ajudar nessa grande conscientização.

O dia 16 de outubro é o Dia Internacional dos Alimentos. É um dia também em que a gente quer fazer debates e ações contra esse modelo e a favor da produção saudável. Certamente, terão outros meios que, logo assim que a gente estruturar

melhor a campanha, vai estar à disposição de toda a sociedade a fim de se somar a esse grande debate.

Quais serão as ações a serem realizadas no Dia Internacional dos Alimentos?

É tradição da Via Campesina Brasil e Internacional fazer grandes debates em torno dos alimentos saudáveis no dia 16 de outubro. Os estados e os movimentos nas suas regiões devem promover debates e ações. Vamos fazer também 5º Congresso da Coordenação Latino Americana de Organizações do Campo (CLOC), no Equador. Por isso, o dia 16 vai ser um dia de grande debate em toda a América Latina.

Qual a nossa tarefa para o próximo período?

Fica a grande tarefa de entender de fato quem são os grandes prejudicados com o uso de agrotóxico. Enquanto as empresas como a Bayer, a Monsanto, a Syngenta, além de outras, ganham tanto dinheiro, a população está condenada a morrer por doenças adquiridas em função do uso dos agrotóxicos. Neste contexto, o seminário representou passos que devem ser continuados.

Cada indivíduo desse país precisa fazer a sua parte. Cada um de nós precisa ajudar a desconstruir esse modelo de produção agrícola e construir outro modelo de sociedade, baseado na agroecologia, baseado na vida humana. Nós queremos uma agricultura camponesa que preserve os recursos naturais e que resgate as práticas camponesas de cultivo, que está comprometida hoje com o bem estar de quem produz e de quem consome o alimento. Nós só vamos ter um outro modelo de sociedade se conseguirmos fazer a Reforma Agrária.

Fusão pode criar gigante das commodities – Sítio Eletrônico do MST – 27/09/2010

A Louis Dreyfus, "trading" (comercializadora) de commodities francesa que opera sob controle familiar, está negociando uma fusão com a rival Olam, de Cingapura, para criar a terceira maior "trading" agrícola do mundo.

A Olam revelou as negociações ontem, o que fez com que suas ações atingissem o maior valor em três anos. A empresa informou que as duas companhias estavam discutindo "uma possível colaboração de negócios que pode tomar a forma de, entre outras coisas, uma fusão".

A combinação delas criaria uma empresa com valor de mercado estimado de US\$ 15 bilhões e que seria a maior operadora nos mercados de commodities como algodão, arroz e café -e teria presença formidável também nos de cacau, trigo, milho e sementes oleaginosas.

Caso a fusão seja concretizada, formaria a terceira maior "trading" mundial, depois da Cargill e da Archer Daniels Midland. A Olam, que tem valor de mercado de cerca de US\$ 5 bilhões, anunciou que as discussões por enquanto são "preliminares" e acautelou que elas podem ser abandonadas sem acordo.

As ações da Olam subiram 56,8% em Cingapura, cotadas a 33,15 dólares de Cingapura, depois do anúncio. Elas registram alta de 30,7% nos últimos 12 meses. A Louis Dreyfus está considerando uma mudança radical em sua estrutura de propriedade e há rumores no mercado de que estaria considerando diversas opções, entre elas, a abertura do seu capital em Bolsa de Valores.

O grupo francês teve receita de US\$ 34 bilhões em 2010, o dobro de seu faturamento em 2006. Os executivos de "tradings" rivais acreditam que seu valor de mercado seja da ordem de US\$ 10 bilhões a US\$ 11 bilhões.

Expansão

A Louis Dreyfus está tentando se expandir para além de seu papel tradicional como "trading" pura, o que faz dela uma empresa de grande receita, mas margens ínfimas de lucro, por meio de investimento em ativos de produção -mais lucrativos, mas que exigem mais investimento de capital pesado.

Dirigida por Serge Schoen desde 2005, a empresa anunciou que sua prioridade seria desempenhar um papel na consolidação do comércio de commodities nas Américas, mas também deseja "materializar" suas ambições na Ásia e "aproveitar oportunidades de crescimento no Oriente Médio e na África".

Com o tempo, a Louis Dreyfus afirma que "o comércio de produtos agrícolas crescerá, dada a expectativa de um alargamento do desequilíbrio entre as regiões de oferta e as de procura".

No passado, a empresa conseguiu bancar sua expansão por meio de empréstimos e aproveitando seu fluxo interno de caixa, como aconteceu no período de rápido crescimento das décadas de 70 e 80, quando começou a comercializar algodão, frutas cítricas e café.

Mas o novo esforço de expansão surge em um período de ativos com valores mais elevados -e concorrentes acreditam que a empresa não seja capaz de crescer no ritmo desejado sem obter uma nova fonte de capital.

(Tradução de Paulo Migliacci, da Folha de S. Paulo)

“Precisamos conscientizar a população sobre os efeitos dos agrotóxicos” – Sítio eletrônico do MST – 29/09/2010

Os prejuízos causados à saúde com a utilização exagerada de agrotóxicos ainda são desconhecidos pela maioria da população e pouco discutidos pela sociedade. Por isso, mais de 20 entidades lançaram a campanha nacional contra o uso dos agrotóxicos.

Na semana passada, essas entidades participaram do seminário contra o uso dos agrotóxicos, organizado pela Via Campesina, em parceria com a Fiocruz e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Leia

também

Seminário discute impactos do uso abusivo dos agrotóxicos no país

Agrotóxicos aumentam índice de câncer no meio rural

Na atividade, os participantes fizeram um estudo sobre os impactos dos agrotóxicos na economia agrícola nacional, na saúde pública e no ambiente. A partir dessas discussões, a campanha tirou como eixos de atuação informar a sociedade sobre os efeitos da utilização desse “agroveneno” e apresentar uma nova proposta para a agricultura.

Roseli de Sousa, da direção nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e da Via Campesina, afirma que a meta da campanha é “denunciar esse modelo de produção agrícola, as causas desse veneno e alertar sobre

quantas pessoas hoje estão doentes, sobretudo, com câncer, em função do uso desses venenos”.

A seguir, leia a entrevista concedida à **Página do MST**.

Como você avalia o seminário contra o uso dos agrotóxicos?

O seminário dos agrotóxicos foi um grande passo contra o uso exagerado de venenos na agricultura brasileira. O Brasil já é campeão em consumo de venenos, em consumo de agrotóxicos. Isso gera grandes danos à saúde da população. Nesse momento, em que há grandes avanços do agronegócio, o seminário foi de extrema importância, já que o veneno é parte desse modelo de desenvolvimento de agricultura. Além disso, conseguimos reunir quase 30 entidades e organizações de diversos setores da sociedade. Isso é um grande avanço na tentativa de conscientização contra esse modelo agrícola.

Quem são os maiores prejudicados pelo o uso do agrotóxico na agricultura brasileira?

Quem produz, como os camponeses, os agricultores, os assentados, sofre um efeito maior porque está em contato direto com o veneno. Mas também a população em geral, que consome um produto que não é de boa qualidade, é o maior prejudicado. Assim, as doenças aumentam e aparecem cada vez mais. E quem lucra com isso tudo, sem dúvida, são as empresas.

Quais os objetivos da campanha?

O grande objetivo da nossa articulação contra o agrotóxico e do seminário em si é conseguir traçar um plano, uma estratégia de combate a esse modelo agrícola e ao grande uso de veneno no Brasil. A partir disso, essa articulação vai resultar na campanha nacional contra o agrotóxico no Brasil.

Como será realizada?

A nossa campanha terá dois eixos. O primeiro tem como meta denunciar esse modelo de produção agrícola, as causas desse veneno e alertar sobre quantas pessoas hoje estão doentes, sobretudo, com câncer, em função do uso desses venenos, além de como é que esse veneno tem sido uma das formas do agronegócio ganhar dinheiro. O que as empresas lucram vendendo o veneno é muito grande. Dessa forma, um dos eixos da campanha será a denúncia desse modelo.

E o segundo eixo da campanha?

Vamos anunciar o que queremos para a sociedade, dentro de um outro projeto de desenvolvimento para a agricultura. Assim, devemos almejar um desenvolvimento baseado na agroecologia, na agricultura saudável, na produção de alimentos para toda a população. Baseado também numa outra sociedade com outros tipos de valores, que

valorize uma educação e uma saúde diferente. Certamente, a nossa campanha terá esses dois eixos: denúncia contra o modelo agronegócio e anúncio de qual sociedade nós queremos para o futuro.

Quais setores da sociedade podem se somar nessa luta?

Nós já temos engajados nessa luta os movimentos sociais da Via Campesina, centrais sindicais, setores das universidades, médicos, organizações não governamentais (ONGs). Tivemos também a presença muito importante da atriz Priscila Camargo no seminário. Ela representou os artistas e se colocou à disposição para ajudar a fazer esse grande debate no meio dos artistas.

Temos também o apoio da Fiocruz, sobretudo da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz. Passaram pelo seminário diversos pensadores e professores, que nos ajudaram e que estão se engajando nesse debate. Nós queremos convidar não só esses, mas todos os setores da sociedade para fazer parte desse grande debate, dessa grande conscientização para de fato darmos um outro rumo para a nossa agricultura brasileira.

Como a sociedade pode se informar sobre o tema dos agrotóxicos e participar da campanha?

Em breve, nós teremos um site e um blog no ar. Os interessados também podem procurar nossos veículos de comunicação de apoio, como o Brasil de Fato, que vai elaborar matérias específicas sobre o tema, além dos movimentos sociais ligados à Via Campesina. Nos seus espaços de trabalho, de militância e de atuação, devem procurar informações sobre as causas dos venenos e ajudar nessa grande conscientização.

O dia 16 de outubro é o Dia Internacional dos Alimentos. É um dia também em que a gente quer fazer debates e ações contra esse modelo e a favor da produção saudável. Certamente, terão outros meios que, logo assim que a gente estruturar melhor a campanha, vai estar à disposição de toda a sociedade a fim de se somar a esse grande debate.

Quais serão as ações a serem realizadas no Dia Internacional dos Alimentos?

É tradição da Via Campesina Brasil e Internacional fazer grandes debates em torno dos alimentos saudáveis no dia 16 de outubro. Os estados e os movimentos nas suas regiões devem promover debates e ações. Vamos fazer também 5º Congresso da Coordenação Latino Americana de Organizações do Campo (CLOC), no Equador. Por isso, o dia 16 vai ser um dia de grande debate em toda a América Latina.

Qual a nossa tarefa para o próximo período?

Fica a grande tarefa de entender de fato quem são os grandes prejudicados com o uso de agrotóxico. Enquanto as empresas como a Bayer, a Monsanto, a Syngenta, além de outras, ganham tanto dinheiro, a população está condenada a morrer por doenças adquiridas em função do uso dos agrotóxicos. Neste contexto, o seminário representou passos que devem ser continuados.

Cada indivíduo desse país precisa fazer a sua parte. Cada um de nós precisa ajudar a desconstruir esse modelo de produção agrícola e construir outro modelo de sociedade, baseado na agroecologia, baseado na vida humana. Nós queremos uma agricultura camponesa que preserve os recursos naturais e que resgate as práticas camponesas de cultivo, que está comprometida hoje com o bem estar de quem produz e de quem consome o alimento. Nós só vamos ter um outro modelo de sociedade se conseguirmos fazer a Reforma Agrária.

Alimento sobe 4,5% no campo e pressiona inflação – Márcia de Chiara - Estado de São Paulo – Economia – 29/09/2010

A contribuição dos alimentos para manter a inflação praticamente zerada está com os dias contados. Pela quarta vez seguida, o Índice Quadrissemanal de Preços Recebidos pela Agropecuária Paulista registrou alta. Na terceira quadrissemana deste mês, o índice subiu 4,52 %, após ter aumentado 2,3% e 3,2% na segunda e terceira quadrissemanas, respectivamente.

O índice de preços ao produtor, apurado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), é um indicador antecedente do comportamento dos preços ao consumidor. “Os preços ao produtor dos alimentos básicos sinalizam um novo ciclo de alta da inflação dos alimentos no varejo”, afirma o pesquisador do IEA, José Sidnei Gonçalves . Diante desse novo cenário para os alimentos, Bernardo Wjuniski, economista da Tendências Consultoria, projeta que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de setembro atinja 0,40%. Deste total, os alimentos responderão por 0,16 ponto porcentual.

“Pressionada pelos alimentos, a inflação virá forte até o fim do ano ” ,alerta Wjuniski . Ele projeta um IPCA médio de 0,45% ao mês em outubro, novembro e dezembro, com o grupo alimentação subido 0,70% a cada mês.

No campo.

Dos 20 preços de produtos agropecuários pesquisados no campo na terceira quadrissemana deste mês, 16 subiram e só 4 recuaram, aponta o índice do IEA.

Gonçalves diz que, ao contrário de outras fases de elevação de preços agropecuários, como em fevereiro e maio deste ano, a alta desta vez é generalizada, o que indica que o efeitos era prolongado.

Já nas outras ocasiões, os aumentos de preços foram de maior intensidade, mas pontuais e restritos a três ou quatro produtos.

Entre os alimentos básicos que mais subiram na terceira quadrissemana deste mês ao produtor está o feijão, com alta de 22,82%, seguido pela laranja de mesa (20,68%), frango(13,92%), carne bovina (7,40%) e arroz (2%).Milho, soja, trigo e

algodão também apresentaram altas expressivas no período, de 17,51%, 5%, 19,35% e 27,19%, respectivamente.

Para Gonçalves, do IEA, uma conjugação negativa de fatores explica a elevação de preços. Ele aponta, por exemplo, a seca que afetou a produção de grãos como soja, milho e trigo no exterior, o que impulsionou os preços desses grãos nos mercados futuros. “Houve seca na Austrália, Rússia e Ucrânia e a nova estimativa dos Estados Unidos de redução na produtividade do milho, apesar da safra recorde, impulsionaram os preços no mercado internacional e criaram expectativa no mercado financeiro de aposta na alta dos alimentos no mercado futuro.”

Além dos problemas climáticos, o pesquisador do IEA ressalta que a forte demanda interna por alimentos, fruto do crescimento do emprego e da renda, dá sustentação para que os preços se mantenham em níveis elevados.

De toda forma, Gonçalves observa que esse ganho de renda não está indo para o bolso do produtor. “Quando o preço está bom, geralmente o agricultor não tem mais o produto, que está na mão do atacadista.”

Segundo Wjuniski, da Tendências, a escalada dos preços agropecuários poderia ter impacto inflacionário maior, caso o real não tivesse tão valorizado em relação ao dólar como está hoje.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ • Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



Ministério do Desenvolvimento Agrário

